



Uma capital surge do chão: Brasília¹

A capital rises from the ground: Brasília

Una capital emerge del suelo: Brasília

CHOAY, Françoise²

BRANDÃO, Claudio Comas³

² Autora. Filósofa e Historiadora das ideias, crítica de arte e arquitetura. Ex-professora do Institut Français d'Urbanisme e da Universidade de Leuven. Paris, França.

³ Tradutor. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

claudio.brandao@fau.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0001-8306-0057>

Recebido em 03/10/2023. Aceito em 07/12/2023.

¹ A publicação desta tradução foi consentida por Françoise Choay por intermédio de sua filha Corinne Verdet e pela editora *Le Monde Syndication*, de forma gratuita e não exclusiva, válida apenas para esta única utilização na revista Paranoá. Referência da publicação original: CHOAY, Françoise. Une capitale sort de terre: Brasília. *France Observateur*, Paris, n. 492, p. 15-16, 8 out. 1959.



Notas de tradução

“*Une capitale sort de terre*” é um dos dois artigos sobre Brasília que a historiadora Françoise Choay escreveu após a sua visita ao Brasil em 1959, quando foi convidada para participar do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, idealizado por Mario Pedrosa. O texto foi publicado poucos dias depois do seu retorno à França no semanário *France Observateur*, fundado por ex-combatentes da resistência francesa em 1950, originalmente *L'Observateur politique, économique et littéraire*. A maioria dos temas tratados nesta reportagem reapareceriam no artigo publicado na revista mensal de arte *L'Oeil* no mês seguinte, “*Une capitale préfabriquée*”. Este último foi publicado no Brasil em duas ocasiões: na *Tribuna da Imprensa*, em 1960, com tradução de Hildebrando Giudice e na antologia sobre Brasília organizada por Alberto Xavier e Julio Katinsky, publicada em 2012, com tradução de Dorothée de Bruchard. Em “*Une capitale sort de terre*” é perceptível a diferença de tom em relação ao outro. O gênero da escrita é a reportagem jornalística e não a resenha crítica, mas Choay articula com destreza o relato de suas experiências na cidade às questões teóricas que desenvolve melhor em outras publicações.

A reportagem é ilustrada com duas fotografias de Marcel Gautherot. A primeira retrata a fachada do Palácio da Alvorada e traz a seguinte legenda: “O Palácio do Presidente da República: Niemeyer soube devolver à arquitetura sua função expressiva”. A segunda é da fachada de um edifício residencial em construção, provavelmente na SQS 108, com a seguinte legenda: “O estilo Habitação de Baixa Renda [H.L.M. — *Habitation à Loyer Modéré*]: é um problema que aflige todos os climas”.

Nesta tradução, privilegiei o espírito do texto original, mantendo a estrutura de algumas frases como estavam na língua de partida, mesmo sabendo que a reorganização de algumas orações poderia ter dado mais fluidez à leitura em português. As notas de rodapé, exceto quando indicadas pela abreviação [NdT], são do texto original.

Notes on the translation

“*Une capitale sort de terre*” is one of the two articles about Brasília that the historian Françoise Choay wrote after her visit to Brazil in 1959, when she was invited to participate in the Extraordinary International Congress of Art Critics, conceived by Mario Pedrosa. The text was published a few days after her return to France in the weekly *France Observateur*, founded by former French resistance fighters in 1950, originally *L'Observateur politique, économique et littéraire*. Most of the themes addressed in this report would reappear in the article published in the monthly art magazine *L'oeil* the following month, “*Une capitale préfabriquée*.” The latter was published in Brazil on two occasions: in the *Tribuna da Imprensa* in 1960, with a translation by Hildebrando Giudice, and in the anthology on Brasília organized by Alberto Xavier and Julio Katinsky, published in 2012, with a translation by Dorothée de Bruchard. In “*Une capitale sort de terre*,” the difference in tone compared to the other is noticeable. The genre of writing is journalistic reporting and not critical review, but Choay skillfully articulates the account of her experiences in the city with the theoretical issues that she develops better in other publications.

The report is illustrated with two photographs by Marcel Gautherot. The first depicts the facade of the Palácio da Alvorada and has the following caption: “The President of the Republic’s Palace: Niemeyer knew how to restore architecture to its expressive function.” The second is of the facade of a residential building under construction, probably in SQS 108, with the following caption: “The Low-Income Housing Style [H.L.M. — *Habitation à Loyer Modéré*]: is a problem that affects all climates.”

In this translation, I have privileged the spirit of the original text, maintaining the structure of some sentences as they were in the source language, even though reorganizing some clauses could have made the Portuguese reading more fluid. The footnotes, except when indicated by the acronym [NdT], are from the original text.

Notas de traducción

“*Une capitale sort de terre*” es uno de los dos artículos sobre Brasília que la historiadora Françoise Choay escribió después de su visita a Brasil en 1959, cuando fue invitada a participar en el Congreso Internacional Extraordinario de Críticos de Arte, concebido por Mario Pedrosa. El texto fue publicado unos días



después de su regreso a Francia en el semanario France Observateur, fundado por ex combatientes de la resistencia francesa en 1950, originalmente L'Observateur politique, économique et littéraire. La mayoría de los temas abordados en este informe volverían a aparecer en el artículo publicado en la revista mensual de arte L'oeil al mes siguiente, "Une capitale préfabriquée". Este último fue publicado en Brasil en dos ocasiones: en la Tribuna da Imprensa en 1960, con una traducción de Hildebrando Giudice, y en la antología sobre Brasilia organizada por Alberto Xavier y Julio Katinsky, publicada en 2012, con una traducción de Dorothée de Bruchard. En "Une capitale sort de terre", la diferencia de tono en comparación con el otro es notable. El género de escritura es el reportaje periodístico y no la crítica literaria, pero Choay articula hábilmente el relato de sus experiencias en la ciudad con los problemas teóricos que desarrolla mejor en otras publicaciones.

El informe está ilustrado con dos fotografías de Marcel Gautherot. La primera muestra la fachada del Palácio da Alvorada y tiene la siguiente leyenda: "El Palacio del Presidente de la República: Niemeyer supo devolver a la arquitectura su función expresiva". La segunda es de la fachada de un edificio residencial en construcción, probablemente en SQS 108, con la siguiente leyenda: "El estilo de vivienda de bajos ingresos [H.L.M. — Habitation à Loyer Modéré]: es un problema que afecta a todos los climas".

En esta traducción, he privilegiado el espíritu del texto original, manteniendo la estructura de algunas frases como estaban en el idioma de origen, aunque reorganizar algunas cláusulas podría haber hecho que la lectura en portugués fuera más fluida. Las notas al pie, excepto cuando se indica por el acrónimo [NdT], son del texto original.



Uma capital surge do chão: Brasília

A 940 quilômetros do Rio de Janeiro, sobre um planalto a 1.200 metros de altitude, em uma região desértica e abandonada pelo homem, um governo decidiu construir uma cidade de 500.000 habitantes: Brasília. É para lá que a capital do Brasil será transferida em 21 de abril de 1960, apenas quarenta e dois meses após o início das obras. Construída sem a ajuda de estradas ou ferrovias, mas sim com o auxílio do avião, esta cidade é hoje em todo o mundo o símbolo da cidade do século XX². Françoise Choay foi convidada pelo governo brasileiro a passar quatro dias em Brasília. Ela apresenta aqui as lições que a nova capital pode trazer ao público europeu.³

Vista da Europa, a criação *ex-nihilo* no planalto brasileiro, a 1.000 km no interior, de Brasília, uma cidade de 500.000 habitantes destinada a substituir o Rio de Janeiro como a capital administrativa do Brasil, aparece como um empreendimento ditado pela razão. De fato, a vida econômica e demográfica deste imenso país é concentrada na costa ou em suas proximidades, em torno de algumas cidades tentaculares superpovoadas e orgulhosamente entregues à especulação imobiliária. A fundação de uma cidade continental que estimularia o desenvolvimento do interior e suas riquezas é um sonho ancestral do Brasil⁴, cuja realização obrigatória está inscrita na Constituição de 1946 que levou o presidente Kubitschek ao poder. A escolha de um território específico, até então totalmente deserto, no estado de Goiás, foi sancionada pelos trabalhos de um comitê de especialistas, incluindo geólogos e ecologistas.

O plano piloto da futura cidade foi submetido a concurso e um júri internacional escolheu aquele proposto por Lucio Costa, amigo de Le Corbusier e líder da primeira geração de arquitetos modernos no Brasil. A realização de todo o setor público da cidade foi confiada ao arquiteto Oscar Niemeyer, um pouco mais jovem e que se tornou famoso mundialmente pela fantasia das formas que deu às construções em concreto. Por fim, essa unidade de concepção é sustentada pela unidade do empreendimento e do financiamento, já que ambos foram integralmente confiados a uma companhia, a Novacap, empresa estatal criada para esse fim.

Nas fronteiras entre o mito e a história

A reunião de todas essas condições nos faz imaginar Brasília à distância como uma cidade experimental, o lugar futurista onde seriam estabelecidos, em aço, concreto e vidro, os princípios diretores de toda e qualquer cidade moderna possível.

Mas não é nada disso. Ao pisar no planalto de laterita semi-desértico, onde o maior canteiro de obras do mundo ferve noite e dia, envolto em grandes nuvens de poeira vermelha, o visitante europeu deve abandonar todas as ideias preconcebidas, desistir de formar uma opinião positiva, mergulhar na lógica do contraditório, aceitar descobrir em pleno sonho o melhor e o pior.

Desde a chegada, o estrangeiro sente o solo racional de seus hábitos ceder sob seus pés. Nessa paisagem desolada e grandiosa, habitada até então por colônias de cupins, tamanduás e uma população de pássaros, surgem palácios revestidos de mármore branco, tão irreais que parecem maquetes.

² [NdT] no texto original está grafado século XIX, o que acredito tenha sido um erro de digitação.

³ [NdT] Lide da reportagem.

⁴ Existem registros escritos desde 1822 sobre essa ideia, e já em 1889 o Estado de Goiás havia sido escolhido para esse propósito. Esse estado é uma espécie de ponto de encontro entre as principais regiões naturais do país, na nascente dos três grandes rios Amazônia, Prata e São Francisco. A densidade da população é extremamente baixa (menos de 10 por km²), enquanto na região Sul ela chega a 90 ou mais.

[NdT] Em relação à nota 4, observe-se que o correto seria região Sudeste.



Nos canteiros de obra, trabalhadores analfabetos e não qualificados constroem estruturas de concreto cuja audácia faria nossos empreiteiros caírem para trás, e arranha-céus metálicos chegam de avião dos EUA em peças separadas, enquanto a terra local é usada para fabricar tijolos, seguindo a técnica imemorial dos babilônios. O plano urbanístico situa a futura cidade dentro de um parque, mas por enquanto apenas uma vegetação rarefeita cresce sobre a laterita que se estende por um raio de 50 km. Há rumores de que será preciso transportar solo fértil por caminhões para a construção da cidade. Brasília é destinada a renovar a economia brasileira, mas os arquitetos do Rio de Janeiro e de São Paulo afirmam que esta gigantesca empreitada paralisou os trabalhos em todo o país⁵ e lhes mostram, nessas cidades, tristes canteiros de obras abandonados. Eles esquecem, aliás, de acrescentar que essas obras inacabadas são uma das constantes da construção brasileira e que a mais bela realização do Rio, a unidade habitacional de Pedregulho, iniciada em 1952 e quase concluída, ficou paralisada muito antes de Brasília ser projetada.

Em resumo, Brasília é o local de um conflito apaixonado entre aqueles que acreditam nela e querem construí-la a todo custo e aqueles que terão que ir morar lá e não querem ser exilados de jeito nenhum. Os pioneiros de Brasília constroem para outros, para habitantes de certa forma teóricos e abstratos, e essa situação certamente será a origem de muitos problemas. No entanto, no interior do mito, para além do verdadeiro e do falso, surge a realidade. A cidade oficial está concluída, será inaugurada no próximo dia 21 de abril e provavelmente será mais do que uma criação efêmera, pois os interesses privados apostaram em Brasília. A partida de pôquer do presidente Kubitschek foi ganha: metade dos terrenos reservados aos bancos já foram completamente comprados, assim como a futura península residencial no lago.

A obsessão com o prazo

Estes resultados foram alcançados com coragem e determinação inabaláveis e por meio de métodos que desafiam nossa lógica habitual. Antes de garantir em Brasília as condições de vida, a trouxeram à existência. Em vez de começar construindo estradas, um sistema de comércio e viabilidade, a Novacap decidiu construir prédios: um hotel e um palácio para o Presidente da República, que insistiu em poder morar em Brasília desde a primeira hora. O suprimento de alimentos e materiais foi feito por uma ponte aérea, já que nenhuma estrada levava a Brasília. Essas duas construções foram erguidas antes da adoção do plano diretor de Lucio Costa, e precisamente em lugares que não estavam em conformidade com as diretrizes desse plano.

Pouco importava, o essencial era que Brasília começasse a existir. Toda a construção da cidade é condicionada pela data de 21 de abril de 1960. Nessa data, a capital deve estar pronta para funcionar, para que, no dia 1º de janeiro de 1961, quando o mandato do Presidente terminar⁶, ele possa deixar para seu sucessor uma realidade viva, já testada por 8 meses de trabalho. Na obsessão pela data fatídica, foram realizados milagres que são uma lição para nós europeus. Em 42 meses, uma grande cidade e uma rede rodoviária de mais de 5.000 km terão nascido graças à estreita colaboração de uma equipe que une o arquiteto, seus colaboradores e a empresa, e graças à fé e ao entusiasmo dos 45.000 trabalhadores treinados no local, vindos de todas as partes do Brasil. À noite, o imenso canteiro de obras é iluminado por luzes fabulosas, porque o trabalho nunca para em Brasília. O espetáculo das autoestradas é tão impressionante quanto o dos edifícios e hoje, pela primeira vez na história, uma estrada (Belém-Brasília) cruza a selva amazônica de um lado ao outro.

Raras vezes eu senti uma sensação mais exaltante do que nos canteiros de obras de Brasília, onde equipes de trabalhadores se alternam em uma ordem impecável e trabalham com entusiasmo. Mas a pressa para terminar tudo a tempo tem suas consequências. Às vezes, certos edifícios foram estudados insuficientemente, às vezes o arquiteto não pôde estar presente no local a tempo de evitar um erro. Cada vez que tive a oportunidade de observar um defeito óbvio (entre outros, a lamentável falta de isolamento acústico no hotel, a mediocridade de alguns prédios residenciais), Niemeyer se justificou citando a pressa com a qual estava lidando. Mas, no final, essa obsessão com o tempo, essa restrição dos prazos, explica por que, embora a experiência de Brasília seja apaixonante do ponto de vista humano, ela se

⁵ O orçamento de Brasília é praticamente incontrolável, com cada ministério provendo pessoalmente suas próprias exigências.

⁶ [NdT] Na realidade, o mandato de Juscelino Kubitschek terminava no dia 31 de janeiro de 1961.



revela decepcionante do ponto de vista urbanístico. Não houve tempo para colocar os problemas e propor soluções. Uma liberdade sem limites, e suficientemente usada em termos plásticos, acabou tendo que se adaptar aos moldes da tradição e, no melhor dos casos, à doutrina corbusiana, que hoje está parcialmente obsoleta, em termos urbanísticos.

Uma cidade-espetáculo

Em essência, o plano piloto proposto por Lucio Costa foi orientado em função de um lago artificial⁷ que será criado em uma bacia natural da paisagem. É composto por dois grandes eixos em forma de cruz. O eixo longitudinal, que culmina na Praça dos Três Poderes com o Palácio do Governo, o Supremo Tribunal Federal e o prédio do Congresso, é ocupado por todos os edifícios administrativos e públicos, enquanto o eixo transversal curvo é em grande parte dedicado à habitação. Um sistema de estradas sem cruzamentos, com velocidades distintas e separando pedestres de automóveis, conecta os diferentes setores, de acordo com um conceito racional herdado de Le Corbusier. Em termos de habitação, verdadeiros bairros autônomos são definidos por quadras de formato quadrado, com 200 metros de lado, correspondendo a uma população de 3.000 habitantes, cada. Os edifícios agrupados nesses bairros, geralmente em grupos de quatro, não devem ultrapassar 6 andares sobre pilotis. Combináveis em superquadras de 4 unidades, esses conjuntos são providos das lojas, escolas e capelas necessárias. Assim, as superquadras se sucedem de forma contínua, separadas umas das outras por cortinas de vegetação.

Uma das tarefas essenciais de Oscar Niemeyer, que assinou uma cidade inteira como quem assina um edifício, foi encontrar um denominador comum para as diversas construções, dando à nova capital uma unidade plástica. Para isso, ele se deixou levar por sua inspiração de escultor e a plasticidade do concreto, seu material favorito, o inspirou em um sistema de suportes cujos arabescos leves são encontrados invertidos nos diferentes palácios.

Na Praça dos Três Poderes, em vez de simples paralelepípedos com fachadas planas repletas de quebra-sóis, o tribunal de justiça e o edifício do governo são simples caixas que se descobrem atrás de uma tela fantástica onde o vazio ocupa mais espaço do que o cheio e que serve ao mesmo tempo para dar sombra e ventilar o edifício. As duas assembleias do parlamento são encimadas, uma por uma cúpula correspondente à ascensão dos degraus, e a outra por uma cúpula invertida, correspondendo a uma distribuição inversa entre o público e os parlamentares. Todos esses edifícios baixos se harmonizam com as linhas amplas e o horizonte quase ilimitado da paisagem. Mas um contraponto necessário é dado pelo duplo arranha-céus de 45 metros que completa o parlamento e por um espesso bloco de concreto – o futuro museu comemorativo da fundação da cidade – e cuja massividade confere repentinamente todo o seu valor à leveza dos outros edifícios.

Essa arquitetura foi violentamente atacada, especialmente no Congresso Internacional de Críticos de Arte que acabou de acontecer em Brasília. Apontaram-lhe falta de funcionalidade, uma certa gratuidade. Mas felizmente, ao longo dos séculos, a arquitetura não foi sinônimo de funcionalismo; ela é antes de mais nada um meio de expressão. Nesse sentido, Niemeyer nos mostrou que uma cidade moderna pode ser algo mais do que uma coleção impessoal de edifícios e escritórios. O Centro Administrativo de Brasília se apresenta sob um aspecto mágico, manifestamente nascido de uma inspiração poética.

Aderir ou não à sensibilidade deste conjunto plástico torna-se simplesmente um problema de gosto. A estas formas barrocas, cujo concreto mal acabado teve que ser revestido de mármore branco⁸, prefiro os edifícios em concreto bruto, mais viris e rudes, concebidos por Le Corbusier em Chandigarh. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que, em Brasília, Niemeyer reabilitou a arquitetura como espetáculo e permanente deleite visual. Neste sentido, parece necessário abrir aqui um parêntese para expressar um desejo. Uma grande avenida ainda não desbravada atualmente carrega ao longo de seus 8 quilômetros placas com os respectivos nomes dos países que serão diplomaticamente representados em Brasília. Os Estados Unidos enviaram uma delegação de especialistas, incluindo o famoso arquiteto Saarinen, para decidir quem teria a honra de construir sua embaixada. Que a França reconheça a importância desta oportunidade e, ao invés de a um tradicional *Grand Prix* de Roma, conceda a construção

⁷ A região é muito irrigada e a barragem que permitirá o enchimento do lago está atualmente quase concluída.

⁸ Este revestimento, mesmo que não esteja em conformidade com os princípios do "brutalismo arquitetônico" e do purismo, proporcionará aos edifícios uma conservação muito superior à de certos "edifícios-manifesto" da arquitetura brasileira (como a Igreja de Pampulha) que, ao se degradarem materialmente, também perderão seu espírito.



desta embaixada ao único arquiteto francês que a merece por direito, Le Corbusier, pai espiritual da arquitetura brasileira.

A ambição de Niemeyer era continuar o espetáculo ao nível do setor residencial. Para mim, este era um objetivo fundamental cujo cuidado deveria ter sido priorizado sobre o da cidade oficial. Hoje, quando o indivíduo não participa mais da construção de sua própria casa, essa antiga relação pessoal poderia ter sido substituída por uma verdadeira individualização poética da habitação. No entanto, a realidade, mais uma vez a pressa, impediu Niemeyer, em suas primeiras superquadras, de nos propor algo diferente do que prédios sem alma, comparáveis à média de nossos conjuntos habitacionais parisienses ou da periferia⁹.

Mas além da questão estética que nossos urbanistas atuais tendem a negligenciar ou minimizar, as superquadras de Brasília levantam o problema da habitação na Cidade moderna. Muito nos foi dito em Brasília que o plano piloto era “aberto”; que a rede de quadras deixaria total liberdade de inspiração aos arquitetos que, a partir de abril, sucederão Niemeyer e construirão habitações para empresas privadas. Ainda assim, a solução da quadra evita qualquer radicalismo, rejeita a concentração em altura, estende por quilômetros um habitat artificialmente agrupado em torno de centros de primeira necessidade, expondo o indivíduo humano a todas as possibilidades de desintegração psicossocial características dos novos conjuntos habitacionais em todo o mundo. As superquadras serão um pouco como blocos de dormitórios, afastados do verdadeiro centro da cidade. Mais uma vez, não vemos propostas, como princípios diretores de urbanização, para além da separação das circulações e a localização da habitação em parques. Já faz quarenta anos que Le Corbusier luta por esses dois imperativos que não são soluções positivas reais, mas a maneira negativa de evitar uma estrutura antiga tornada anacrônica pelo desenvolvimento da civilização maquinista. Até agora, nenhum novo esquema de organização foi proposto.

No entanto, tive a impressão de ver em Brasília, de forma inesperada, um caminho a explorar. Os quarenta e cinco mil trabalhadores que construíam a cidade precisavam de alojamento. Seguidos por aventureiros em número crescente que vêm aqui tentar a sorte, eles fundaram espontaneamente, perto da cidade oficial, uma vasta favela de tábuas e ferro velho conhecida lá por Faroeste. Esta “cidade livre”¹⁰ parece realmente saída de um filme *western*. Todos os tipos de trânsito acontecem livremente e há uma animação intensa entre os barracos. No entanto, estranhamente, sente-se subitamente feliz e livre, no meio da desordem e desconforto desta cidade improvisada de 70.000 habitantes. A presença e o calor humano são reais. Os centros de atividades, lojas, cafés, barracas ou restaurantes são tão próximos que o carro se torna desnecessário ou incômodo. Minha visão não é nada passadista, não sou uma amante do pitoresco. Apenas constato o valor irremediável da escala humana, num momento em que ela foi suplantada pela escala das velocidades mecânicas. Não quero tornar a promiscuidade uma regra absoluta, mas o ombro a ombro que reina no Faroeste de Brasília, assim como nas favelas do Rio (tão mais humanas do que as grandes avenidas de Copacabana), me parece uma das condições básicas a serem realizadas na cidade do amanhã.

Mas de que forma? Talvez o conceito de cidade esteja agora ultrapassado? Talvez a imagem da antiga comunidade urbana deva ser relegada pela humanidade ao status de memórias nostálgicas? Erguida no entusiasmo e na pressa, misturando sonho e planejamento, Brasília nos oferece hoje a melhor oportunidade de meditar sobre o destino da cidade.

⁹ Eles são comparáveis em termos de conforto básico, não têm pesquisa de isolamento acústico ou ventilação, o isolamento térmico é ruim, etc.

¹⁰ Assim chamada porque o comércio é realizado lá sem qualquer taxa ou imposto.



Françoise Choay (autora)

Neste número da *Revista Paranoá*, ver a biografia de Françoise Choay escrita por Thiery Paquot.

Claudio Comas Brandão (tradutor)

Arquiteto e Urbanista, graduado na FAU UnB (1997). Tem especialização em Industrial Design pela Scuola Politecnica di Design de Milão (1999), Mestrado (2019) e Doutorado (2023) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, na linha de pesquisa Teoria e Ensino de Arquitetura. Integra o Grupo de Pesquisa LabLugares. Sua pesquisa destaca a importância das redes sociotécnicas na produção da arquitetura, com ênfase na Arquitetura Moderna brasileira.

Editores responsáveis: Elane Ribeiro Peixoto, Priscilla Alves Peixoto, Ana Clara Giannecchini.

Como citar: CHOAY, F., BRANDÃO, C. R. C. Uma capital surge do chão: Brasília. **Paranoá**, [S.l.], v. 16, n. 35, e47973. DOI 10.18830/1679-09442023v16e47973. Disponível em: <https://doi.org/10.18830/1679-09442023v16e47973>.